

CENTRAL ELÉCTRICA DE AS PONTES, ALCOA, FECHÉ JÁ!

Gabriel López García*

Este artigo foi escrito antes do anuncio do peche da central de As Pontes, en xaneiro de 2021

Antonio Herrera



Fábrica de ALCOA sita en San Cibrao (Cervo).

Há cousa de uns meses tive a oportunidade de escribir un breve artigo a respeito do iminente feche da Central Eléctrica de As Pontes e da planta alumineira de Sam Cibrao, n'a Marinha. A limitaçom do espaco fizera que umha boa parte do argumentário a prol do feche destas indústrias ficara pendente, mas agora temos a oportunidade de acrescentá-lo e apresentar a realidade de duas empresas perfectamente prescindíveis desde o punto de vista ambiental, económico e social para Galiza.

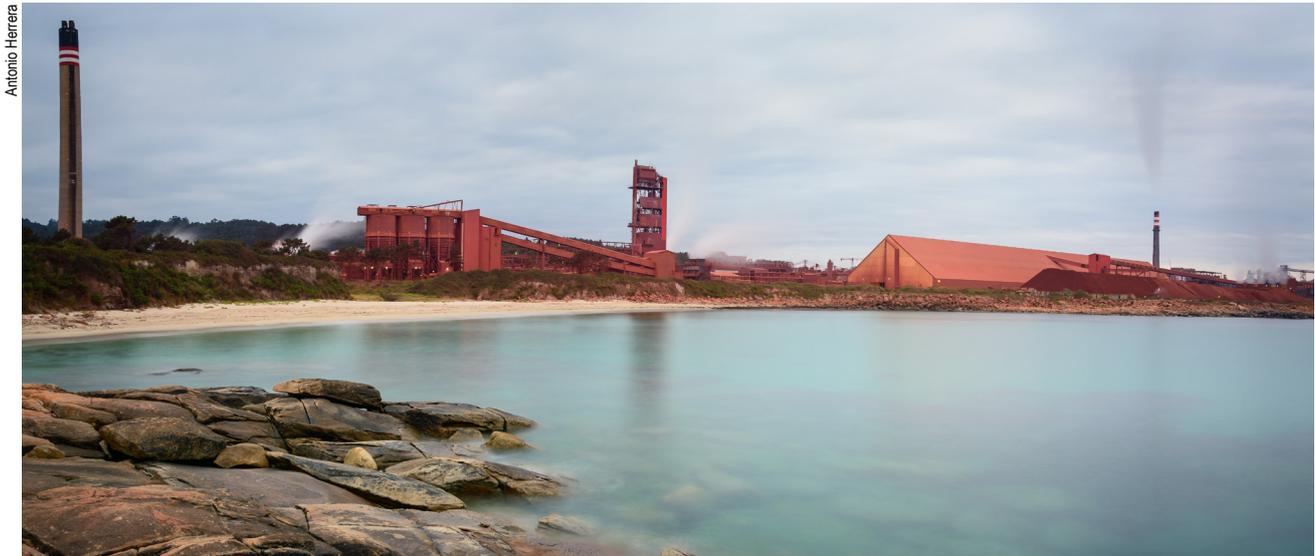
Também estes últimos meses diversos acontecimentos, especialmente no que tem a ver com a planta de Alcoa, fan que seja esta última obxecto de umha reflexom mais profunda e que, ao meu entender, deva ser merecedora de umha outra volta aprofundando nom já só em critérios económicos ou "políticos", mas também no ambiental, ou no que supom a sua continuidade para outras comunidades distantes vários milheiros de quilometros da nossa mas que, como a galega, soportam a exploraçom colonial no injusto e desigual desenho do capitalismo.

Poucas e quase anedóticas tenhem sido as vozes discrepantes logo do mais que anunciado feche da Central Térmica de As Pontes, ou da planta de ALCOA em Sam Cibrao. Um "canto gregoriano" entonado pola práctica totalidade do espectro político e sindical na Galiza reclama a continuidade das suas actividades, especialmente amplificado durante o último chamado eleitoral à Junta da Galiza. Rifas por sair na foto, promesas difíceis de cumprir, ajudas milionárias anunciadas a escassos dias da apertura de urnas de ganhar uns ou outros... Umha posaçom que poderia ser mais que aguardada para algunha destas formaçoms perfectamente encastradas no sistema e manifestamente defensoras de umha Galiza submetida ao desenho colonialista espanhol, mas complicada (ao meu juízo) de comprender em formaçoms autoproclamadas

soberanistas ou mesmo independentista, tanto intra como extra-parlamentares.

DO MODELO INDUSTRIAL COLONIAL DO ESTADO A "REGALO" AO CAPITAL TRANSNACIONAL

O complexo Alumina-Aluminio iniciou a sua montagem no ano 1976 para estar operativo a começos do 1979. A Central Térmica de As Pontes começaria a sua atividade no 1976. Dous projectos relativamente próximos no espacial e no temporal condenados, ou mais bem desenhados, para pular o um do outro: metade da produçom eléctrica de As Pontes, obtida da queima do carbom da mina ao ceo aberto próxima à planta, teria como destino Alumina-Aluminio, complexo industrial do grupo estatal Inespal, que transformará bauxita procedente de Guínea em alumina, para logo nas mesmas dependências producir aluminio. Projectos coincidentes e complementares da anunciada à altura de 1973 também por FENOSA, central nuclear de Jove. Estes projectos obedeciam à pretensom do estado de mudar a "atrasada" estrutura económica rural e marinheira destas latitudes por outra industrial "moderna" acorde com os novos tempos, contando ao mesmo tempo que projectos tam agresivos com o meio como estes careceriam de contestaçom social por parte dxs lugarenhxs, rebordados pola choiva económica e as novas oportunidades laborais que esta suposta modernidade trazia consigo. Só o projecto nuclear de Jove foi finalmente paralisado polos protestos populares no que foi um dos primeiros fitos da loita de aquelas incipientes organizaçoms do nacionalismo nos anos imediatamente posteriores à morte do ditador Franco. Nom é complicado topar em livros e escritos da época a resolta e clara oposaçom a estes projectos tanto desde o ecologismo¹ como do nacionalismo político partidário organizado².



Antonio Herrera

Outra presepctiva da fábrica de ALCOA sita en San Cibrao (Cervo).

Que mudou desde entom para que, baixo a mesma bandeira que reclamava um outro modelo industrial, de desenvolvemento do País, agora se loite pola súa continuidade? Se todo isto quadrara em período eleitoral poderíamos falar de oportunismo e nada mais. Mas estamos a falar nom já de meses, anos de aceitação deste modelo e destas empresas na nossa terra. Mesmo no momento da privatización da planta de Sam Cibrao e o seu regalo (porque nom pode entender-se de outra maneira) por parte do goberno Aznar à multinacional ALCOA, a única demanda (novamente ao unísono por parte de practicamente todo o arco político galego) foi que se mantiveram os postos de traballo.

Nom devera ser necesario, mas, agora, em perspectiva, e como já se anunciava entom, vemos claramente que estamos perante um modelo industrial que destruiu mais do que criou. Se o norte da Galiza é cada vez mais um “deserto verde”, um mar de eucaliptos, nom só é responsabilidade de ENCE, ou das políticas da UE e a Política Agrária Comum; se o rural está avelhentado e practicamente desertizado nom é casual nem um “reflexo remoto”, cá nas colónias, disso que agora chamam “a Espanha vazia”. A implantación destas dúas indústrias forçou a proletarización em forma de ma de obra nom especializada, as mais das veces em precário, de milheiros das áreas rurais circundantes (há que ter de conta que na construción e montagem de Alumina-Aluminio participaram perto de 8000 pessoas), abandonando a actividade agrária, desfazendo por completo, com o passo de dúas, mesmo três gerações, a estrutura territorial da Marinha, Ortegá, o norte da Terra Cha, o Eume...

Os e as defensoras da continuidade destas indústrias justificam-se na grande perda de postos de traballo que carretaria o seu feche (na Central de As Pontes traballan apenas 170 persoas após o esgotamento e feche da canteira de carbom, no complexo de Jove-Sam Cibrao seriam uns 1500 empregos directos), que se as auxiliares, que se os servíços... eis as consecuencias (inegáveis) de fomentar e permitir esse modelo de desenvolvemento. Desde logo a solución nunca devera ser a de “patada para diante” e seguir afundando na dependencia económica nestas empresas, que, lembremos, e para mais escárnio, tenhem a súa sé fiscal longe das nossas fronteiras.

A QUESTOM AMBIENTAL, SEMPRE EM SEGUNDO PLANO

Quando o cambio climático e a crise ambiental que está a sofrer o planeta é já algo inegável, no caso de As Pontes estamos fronte a principal empresa emissora de CO₂ do Estado espanhol, e a número 17 de Europa. Estados como o Reino Unido tenhem protestado pola choiva ácida da que responsabilizam a central pontesa. Mas o caso da central térmica de As Pontes tem sido abondo analisado, como as térmicas em geral. Nom tanto a alumineira da Marinha, ainda sendo bem conhecida a día de hoje polo público em geral o perigo que supom a balsa de lodos

vermelhos, umha balsa desenhada para durar 30 anos leva 42 acumulando sem nenhum tipo de tratamento estes refugallhos, som mais as ameças latentes tras os muros da fábrica.

Fagamos um percurso pola linha de obtençom da alumina, pois todo o proceso em si converte a pranta de Sam Cibrao em umha grande bomba de relojería. Na área A-204 é onde a bauxita entra a través das cintas nos muinhos, estruturas que recentemente forom reformadas com o objectivo de acrescentar a súa produtividade até um 300 por cem mais do actual, reforma que tam só afetou aos muinhos, já que as tubagens por onde transcorre o “licor rico” (resultante do proceso Bayer ao que é sometida a bauxita para a súa transformaçom em alumina), seguem a ser as mesmas, velhas e obsoletas e provavelmente nom preparadas (porque o seu primitivo desenho era para um determinado caudal) para a nova situaçom. As constantes reparaçoms som um risco sério para a plantilla laboral que se ocupa das mesmas, e um risco e vertido constante.

Durante este proceso de transformaçom, a parte da prezada alumina, saem outros resultantes, os lodos vermelhos, que a umha meia de 2000 toneladas diárias fam que a balsa medre sem parar, e que con esta “melhora” nos muinhos, sem moito mais espaço físico cara onde medrar (os muros de contençom já se elevam vários metros sobre o projecto original e o tempo de vida útil da mesma está mais que superado)³. Se quadra, o feche da fábrica estará mais condicionado por esta situaçom que qualquer outra das apresentadas até hoje.

No mesmo departamento, digestom, topa-se também a A-79, umha das zonas mais contaminantes da fábrica, área também moito perigosa para os operários que traballan nela já que é a encarregada da eliminación do fluor. Este é um dos elementos químicos mais perigosos das instalaçoms. Por exemplo, cada vez que se produz um atoramento no interior de umha cuba electrolítica, operários tenhem que entrar a picar no seu interior entrando em contacto com residuos com um moi alto contido no mesmo, e por vezes a temperaturas em torno aos 500 grados.

O alto risco de contaminación existente nesta zona fai que as emissoes sejam controladas directamente pola Junta de Galiza, e cada vez que há umha fuga (algo que ocorre varias veces ao ano), a fábrica é condenada a pagar umha multa diária por contaminación, mas, por dizé-lo de algunha maneira, entra dentro do orçamento da factoria, como umha outra despesa económica mais que sae mais barato pagar que fazer porque nom se produza. Estas fugas de fluor queimam cultivos em umha ampla zona em torno a ALCOA, mesmo chega a levantar a pintura dos carros dos operários e vizinhos da área. Seria interesante saber as consecuencias que está a trazer na saúde das persoas que os estam a sofrer de maneira reiterada, mas nom existem estudos ao respeito...



Central térmica sita nas Pontes.

A situación desta factoría tam próxima ao mar tem também consecuencias nos ecosistemas marinhos. Nom há mais que desloca-lo até o entorno da factoría para observar a ausencia de vida: é umha zona morta, e como também ocorre com outros vertidos que som denunciados por marinheirxs e vizinhxs da zona, som sempre obviados e silenciados ⁴.

O LONGO CAMINHO DA BAUXITA: UM CAMINHO DE EXPÓLIO E SANGUE

É fundamental conhecer o que supom este tipo de industria nom só na Galiza, também noutras naçons vítimas dos mesmos intereses transnacionais e do capitalismo selvagem que leva no ADN empresas como ALCOA: para esta empresa ser viável economicamente, nom só precisa de electricidade barata e bonificada (ou o que é o mesmo, aportada-vendida por empresas privadas mas subsidiada a conta dos quartos públicos). A principal materia prima para a obtençom do aluminio é a bauxita. A bauxita que chega a Sam Cibrao é obtida (expoliada) na República de Guineia⁵, um dos países mais pobres da África, onde, por exemplo, duas de cada tres pessoas nem tam sequer tem acceso à electricidade, e onde a esperanza de vida apenas chega aos 60 anos. O salário dos operários que extraem essa bauxita é de uns 40€ ao mês, sem nenhum tipo de cobertura social, ou, o que é o mesmo, no momento que enfermam ou sofrem um acidente, algo habitual devido às terríveis condiçoms laborais nas que som explorados, som abandonados à sua sorte e re-empazados por outros. Suponho que para alguns e algunhas o internacionalismo proletário é um eslógam com o que fazer rimas no primeiro de maio e pouco mais, se temos de conta que a produçom de aluminio na Marinha necessariamente leva emparelhada estas práticas.

As comunidades agrárias que habitam nessas terras ricas em bauxita som deslocadas pola força. As que resistem, vem como os seus aquíferos e terras de labor som contaminados e arrasados pola maquinaria pesada. Florestas som arrasadas e com elas toda umha sorte de ecosistemas únicos, habitados em moitos casos por espécies em sério risco de extinçom⁶. Organizaçoms sociais de todo tipo que na Galiza defendem a continuidade de ALCOA ao tempo que condenam e manifestam a sua oposiçom à minaria ao ceo aberto no nosso território olham para outro lado quando os e as prejudicadas por essas mesmas indústrias están em países ainda menos desenvolvidos que o nosso.

CÁMBIOS NO MODELO DE CONSUMO: POLO FIM DO USO DO ALUMÍNIO

Ao igual que acontece com o plástico, boa parte do aluminio fabricado no mundo tem como finalidade ser utilizado como embalagem de um só uso, já seja em forma de “papel” ou outro tipo de envoltórios, como contentor de bebidas ou “latas”. Mesmo a sua reutilizaçom a nível do-

méstico e particular é ainda mais difícil que a das perseguidas (e com raçom) bolsas de plástico, cada vez mais ausentes das nossas vidas, sobre todo nas de aquelxs que presumimos de um maior compromisso com o meio ambiente. Tivo que a sociedade ver com os seus propios olhos os debastadores efeitos do plástico em ecosistemas como o marinho para criar consciencia crítica ou simplesmente assimilar umha necessária restricçom no seu uso. Como sociedade estamos tardando em fazer o mesmo com o aluminio.

A MODO DE CONCLUSOM

Como sempre, as vítimas destas empresas, a um e outro lado do mar, som as clases trabalhadoras, reféns dum modelo económico predador, explorador, inhumano,... a soluçom, na minha opiniom, nom pasa por eternizar e blindar este tipo de industrias, utilizando o emprego como escusa (é precisamente a chantagem com a que joga a empresa) para garantir a sua continuidade: defendamos um outro modelo económico, mais agora precisamente, quando vemos que até um simples virus é capaz de fazer abanear todo o sistema. Aproveitemos a oportunidade. Exijamos o seu feche. Nom lhes deamos mais chances. Começemos a pensar que Galiza queremos, que indústrias som as que precisamos, como é que queremos que seja o nosso futuro e dos e das que vemem atrás nossa.

*Gabriel López Garcia é membro da Federación Rural Galega (FRUGA).

Notas

¹ Ramón Varela no seu livro “A contaminación das centrais nucleares: Xove” de Ediçoms Xistral.

² I Congreso da UPG que em setembro do 77, no documento programático, no apartado “Galiza como naçom colonizada”, expunha como ferramentas da colonizaçom espanhola da Galiza esse modelo de industrializaçom: de enclave, contaminante, exploradora de recursos, que abrangue unicamente as primeiras fases dos ciclos produtivos, que contribuiriam a perpetuar a dependência económica da Galiza.

³ Video que recolhe a magnitude da balsa de lodos vermelhos: <https://www.facebook.com/coge3/videos/1884256475142013/?v=1884256475142013>

⁴ Video escape entre as casas: <https://www.facebook.com/coge3/videos/1989481574619502/?v=1989481574619502>

⁵ Bauxita: do ceo ao inferno <https://www.youtube.com/watch?v=M0pK-BfZagU0>

⁶ Bauxita: a destruiçom do bosque ancestral <https://www.youtube.com/watch?v=2UcHwQwMuVY>